

**EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA***(CHILDHOOD EDUCATION AND THE DEVELOPMENT OF AUTONOMY)*

Jéssica Rodrigues Ramos <sup>1</sup>  
Juliana Nogueira Guimarães <sup>2</sup>  
Bruna Germana Nunes Mota <sup>3</sup>

**RESUMO**

Este artigo se propõe a traçar o estudo da autonomia da criança na Educação Infantil. As questões de pesquisa são estas: como a criança reage aos estímulos e como professor pode construir essa autonomia. Para tanto, nós recorreremos, primeiro, a uma pesquisa de natureza qualitativa exploratória e descritiva, depois à pesquisa bibliográfica, com o objetivo de compreender o trabalho do educador para desenvolver a autonomia da criança, visando não somente aos direitos de decisões, mas também entender o que é adequado ou correto, para levar em considerações a forma de pensar e de atribuir soluções em encontrar as respostas. Na fundamentação teórica, recorreremos às contribuições da Pedagogia de Froebel, que trata do “Jardim de infância” da autonomia no contexto da Educação Infantil e das contribuições do professor para desenvolver essa autonomia na construção de caminhos, a fim de desenvolver indivíduos pensantes e autônomos na sociedade. Além dele, recorreremos a Paulo Freire e a Celso Antunes, que contribuíram nas explicações sobre as possibilidades de desenvolvimento a criança nos aspectos social, moral, criativo e intelectual.

**Palavras-chave:** Autonomia. Aprendizagem. Educação Infantil.

**ABSTRACT**

This article aims to outline the study of child autonomy in Early Childhood Education. The research questions are: how the child reacts to stimuli and as a teacher can build this autonomy. For that, we resorted, first, to an exploratory and descriptive qualitative research, then to bibliographic research, with the objective of understanding the educator's work to develop the child's autonomy, aiming not only at decision-making rights, but also at understanding what is appropriate or correct, to take into account the way of thinking and assigning solutions in finding the answers. In the theoretical basis, we resort to the contributions of Froebel's Pedagogy, which deals with the “Kindergarten” of autonomy in the context of Early Childhood Education and the teacher's contributions to develop this autonomy in the construction of paths, in order to develop thinking and autonomous individuals in society. In addition to it, we turn to Paulo Freire and Celso Antunes, who contributed to the explanations of the child's development possibilities in the social, moral, creative and intellectual aspects.

**Keywords:** Autonomy. Learning. Child education.

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia. Centro Universitário. E-mail: jessicamosce@gmail.com

<sup>2</sup> Graduação em Pedagogia. Centro Universitário Ateneu. E-mail: juliananogueira8865@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Centro Universitário Ateneu. E-mail: bruna.mota@professor.uniateneu.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa refere-se à autonomia da criança na Educação Infantil, aplicada na formação da criança e no processo de ensino-aprendizagem, nos estímulos para que a criança possa aprender e compreender o que está sendo proposto pelo professor, permitindo a criança encontrar suas próprias respostas e formar seu caráter e sua criticidade, típicos de um indivíduo pensante.

Especificamente, esta pesquisa busca discutir o conceito de autonomia na Educação Infantil e analisar experiências docentes que contribuam para desenvolvimento da autonomia da criança e da reflexão, características da educação moderna e diversificada. Espera-se que essa pesquisa contribua para chamar a atenção do professor para que esse compreenda a importância de educar, formar e construir um ensino com base no aprender a aprender, para que o educando construa seus próprios conhecimentos.

Resolvemos estudar esse tema por saber o quão importante é a autonomia no desenvolvimento da criança, que, quando estimulada, consegue desenvolver melhor a aprendizagem. Isso facilita o processo de ensino do professor, fazendo com que ele consiga desenvolver tarefas bem elaboradas com a participação de todas as crianças.

Escolhemos esse tema após lermos alguns estudos realizados acerca do desenvolvimento infantil. Esses estudos despertaram em nós a necessidade de compreendermos melhor o processo de desenvolvimento da criança, como o professor pode mediar a autonomia infantil, e quais seriam os métodos aplicados para essa construção que abrange os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

O objeto desta pesquisa é, portanto, o trabalho do professor para a construção da autonomia da criança na educação infantil. Ele advém da observação da atuação dos professores na própria educação infantil, o que levantou o seguinte questionamento: por que o educador desenvolve um trabalho voltado à autonomia, passando a ser um professor proativo na Educação, e como construir essa autonomia?

Assim sendo, essa pesquisa é uma tentativa de investigar a autonomia da criança no período da educação infantil e sua importância, para que o professor possa aplicar diversos conceitos na construção da autonomia, na busca pelo conhecimento, o que faz a criança querer aprender, uma vez que em tese foi-lhe dada à devida atenção e o suporte para o desenvolvimento da própria autonomia.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Surgimento do Jardim de Infância

Friedrich Froebel foi um educador que ajudou a desenvolver uma visão diferenciada para infância, mesmo sem compreender tudo que ele passou da sua infância à fase adulta, através da perda de sua mãe e os ensinamentos de seu pai. Ele não esperava trazer contribuições e ideias para as crianças 0 a 6 anos, antes de tudo “ele procurava na infância o elo que igualaria todos os homens, sua essência boa e divina ainda não corrompida pelo convívio social”. (ARCE apud KENDZIERSKI, 2012, n.p.).

Seu propósito residia em guiar, orientar e cultivar nas crianças suas tendências divinas, sua essência humana através do jogo, das ocupações e das atividades livres, tal como Deus faz com as plantas da natureza. (ARCE apud KENDZIERSKI, 2012, n.p.).

Foi quando se passou a ter uma visão diferenciada do papel de uma mãe, em ser uma mulher dedicada, cheia de amor e de bondade, dessa forma surge a mulher como “Jardineira”, passando por uma formação até que pudesse assumir um trabalho na educação, pois acreditava na capacidade de educar e via a imagem da mulher como agraciada com o dom divino. Sua obra *No Jardim da Infância* apresenta os brinquedos como auxílio à educação, a fim de desenvolver uma aprendizagem significativa, os brinquedos ou materiais educativos eram chamados de “dons”.

Froebel não se preocupava apenas com uma educação voltada somente para aquisição de conhecimento, mas para o desenvolvimento de diferentes hábitos e habilidades, pois é importante fazer com que a criança passe pela formação de seu caráter, para que possa formular conexões internas através de oposições.

Segundo Froebel, há os conceitos de interiorização e exteriorização. O primeiro consiste no recebimento de conhecimentos do mundo exterior, que passam para o interior. O segundo, uma sequência que deve caminhar do mais simples ao composto, do concreto ao abstrato, do conhecido para o desconhecido.

Nas atividades do jardim de infância, Froebel contemplava, como forma de atrair as crianças, os jogos, as brincadeiras, as cantigas e roda e os jogos de imitação. Ele atribuía a essas atividades o valor da autoeducação que são

complementadas pelas atividades desenvolvidas com os dons. De acordo com o criador dos jardins de infância, os dons deveriam seguir uma progressão natural, ascendente, em termos de complexidade das tarefas. (KENDZIERSKI, 2012, n.p.).

Frobel ressalta a importância de a criança aprender a aprender e aprender a fazer. A educação passa a desenvolver as possibilidades mentais da criança, em poder adquirir novos conhecimentos, e com isso as características se tornam ações, e o professor reconheceria e poderia trabalhar os talentos através da dinâmica para a aprendizagem, adotando uma ideia mais contemporânea.

O papel do professor nos ideais froebelianos consiste no respeito à natureza, à ação de Deus e à manipulação espontânea do mundo pelo educando, alicerçada na experiência; a metodologia consiste em orientar e despertar o aprendizado espontâneo da criança, fazendo desenvolver as qualidades em prol do aniquilamento dos efeitos. (KENDZIERSKI, 2012, n.p.).

É quando se inicia uma mudança na concepção do jardim de infância, uma educação do século XX, que visa sempre aprofundar o conhecimento através de uma educação com brinquedos, jogos. Utilizando a forma lúdica, desenvolve-se o intelecto da criança, e também suas habilidades, e são aplicadas essas práticas na educação.

## **2.2 Autonomia no contexto da Educação Infantil**

A escola, na visão da educação tradicional, não permite ao aluno ser crítico ou pensante, por isso esse recebe conhecimento de forma ultrapassada. Dessa maneira, as transformações na educação vieram trazendo mudanças significativas, e a criança passou a ser vista com capacidade de aprendizagem e de desenvolvimento de grandes habilidades. Passou, então, a possuir seus direitos na Educação.

Modernamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Uma aprendizagem prazerosa e lúdica abre caminhos para um melhor desenvolvimento da criança, para que possa fortalecer sua aprendizagem. Para desenvolver estímulos em busca

de suas próprias respostas, é importante criar um ambiente agradável que possa proporcionar para a criança uma experiência criadora. De acordo com Paulo Freire (1996, p. 35), a aprendizagem é “um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

Tem-se com princípio entendermos que a autonomia é dada para motivar os alunos na educação infantil. Mas autonomia não é simplesmente os alunos ficarem à vontade, fazendo o que desejam, mas sim o professor partir de uma ideia que possa oferecer aos alunos a capacidade de eles próprios encontrarem soluções para problemas, ou seja, encontrar suas próprias respostas, respeitando a liberdade com limites.

Conforme o dicionário de filosofia de Abbagnano (1982), autonomia é um termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão.

A *autonomia* muitas vezes é confundida com a *heteronomia* (quando a criança não possui estímulos, ela se torna incapaz de questionar, refletir, inventar ou criar regras). Para Piaget (1978), a criança passa por duas fases e, com o passar do tempo, as crianças evoluem da heteronomia para autonomia, passando a superar suas conquistas. É bom ressaltar as diferenciadas características da *anomia*, quando a criança até cinco anos passa a adquirir seus desejos, sem que compreenda suas regras, passando então a ser totalmente auxiliada por um adulto.

No momento da heteronomia, a criança passa a respeitar as regras impostas pelos adultos, cumprindo as ordens baseadas em dois sentimentos: o afeto e o medo.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a autonomia, quando trabalhada na criança, desenvolve nela a capacidade de pensamento e opiniões, uma aprendizagem a qual poderá ser usada em casa, na sala de aula ou em outros lugares que proporcionem desenvolvimento da criança.

É preciso um olhar atento à autonomia dada à criança, pois a mesma experimenta o processo da heteronomia, oportunidade em que é submetida às ordens ou comandos de um adulto. É quando lhe é passada a autonomia, permitindo não apenas a opção de seus desejos, mas de possibilidades de pensar e tomar decisões.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil tem como objetivo buscar soluções educativas, fornecendo orientações didáticas para crianças de 0 a 6 anos, buscando

desenvolver a afetividade, social, emocional e cognitivo. Assim, de acordo com o Brasil (1998, p.14):

A autonomia, definida como capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é nessa faixa etária mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas. Conceder uma educação em direção à autonomia significa considerar as crianças como seres com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos, e, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem.

Pode-se dizer que, de acordo com o Referencial Curricular Nacional, um dos principais instrumentos de fundamental importância da Educação Infantil é a professora, cujo principal objetivo consiste em desenvolver a autonomia da criança. A educadora fará isso estabelecendo uma relação de confiança entre ela e aluno, desenvolvendo um trabalho que permita à criança a refletir e ter responsabilidades, ou seja, permitindo ao aluno a participar do processo educativo, valorizando as ações construídas, para o desenvolvimento da autonomia.

Diante de tudo, o princípio geral da autonomia, que se propõe no Referencial Curricular Nacional, é o que leva o aluno à atuação, permitindo à criança construir seus próprios conhecimentos. A professora precisa cumprir o papel que estimule a criança a agir por si mesma: a se alimentar, se vestir, guiar os seus próprios passos, aprender a ter cuidado com a higiene pessoal. Isso tudo tem como objetivo dar a autonomia, que aos poucos vai tornando a criança mais competente e preparada para atuar no mundo em que vive.

Por ser tão importante para a formação integral do aluno, a autonomia precisa ser estimulada também em casa, pelos pais e, também, na Educação Infantil, com o acompanhamento dos educadores.

A autonomia desenvolvida na educação infantil permitirá que a criança possa participar de atividades práticas com mais facilidade, e isso promove desenvoltura no cotidiano. É bom ressaltar que a autonomia deve ser aprimorada no decorrer do processo de desenvolvimento da criança, pois, é bom salientar, a autonomia não é uma condição psicológica inata, logo é preciso respeitar as condições e o tempo de cada criança no processo da maturação, pois, uma vez atingido, não significa está completo, portanto, a criança poderá ter autonomia em uma determinada situação e em outra não.

A demonstração pelo adulto não dá mais que a simples percepção, o que vem a mostrar que, ao se fazer experiências diante da criança em vez de fazê-las

ela própria, perdesse todo valor de informação e formador que apresenta ação como tal. (PIAGET, apud SANTOS; ALCANTARA, 2014, n.p.).

A criança, no seu processo da construção de sua autonomia, e na relação com mundo e com os outros, constrói a imaginação e a criatividade, e formula novos conhecimentos e aprendizagens. Isso lhe propicia novas descobertas, novas perguntas e novas respostas.

A autonomia, como se disse, é uma autorregulação que está relacionada à habilidade de fazer as coisas por si mesmo, mas o fato de o indivíduo ter a consciência do que pode e deve fazer também está diretamente ligado ao desenvolvimento da consciência moral. Assim, é preciso a professora levar em conta o princípio de que a criança pode achar que “pode e não pode”, vencendo a etapa de decisões e de busca por seus desejos, possibilitando que os indivíduos façam suas escolhas.

Toda a educação infantil é importante para as crianças realizarem pequenas atitudes individuais, associadas ao estímulo para que haja socialização com os colegas. Outro ponto importante para que o indivíduo concretize os hábitos e as regras da escola, é demonstrando insatisfação quando a criança tiver uma atitude diferente das regras e combinados estabelecidos com o grupo, assim é importante explicar todas as ações de cuidado e valorizar quando a criança expressar suas preferências.

Seguidora de Piaget, Kamii (1990, p. 47) afirma:

A essência da autonomia é que as crianças se tornam capazes de tomar decisões por elas mesmas. A autonomia não é mesma coisa de liberdade completa. Autonomia significa ser capaz de considerar fatores relevantes para decidir qual deve ser o melhor caminho da ação. Não pode haver moralidade quando alguém considera somente seu ponto de vista. Se também considerarmos o ponto de vista das outras pessoas, veremos que não seremos livres para mentir, quebrar promessas e agir irrefletidamente.

Uma criança autônoma aprende a fazer suas escolhas, a avaliar os seus próprios anseios e vontades e traça suas metas para alcançar seus objetivos. O desenvolvimento da autonomia na infância permite a construção de uma personalidade saudável. Junto com a autonomia, outras faces da personalidade se desenvolvem, e com ela os conceitos de certo ou errado, pois a autonomia traz consigo responsabilidades e com ela vêm os limites, como a moralidade.

Criatividade e autonomia andam de mãos dadas na medida em que alguns pressupostos para o desenvolvimento de ambas são os mesmos. A experiência do mundo, a interação entre sujeitos e a construção ativa do conhecimento podem proporcionar impulso criador e questionador, além de levar a criança a um desenvolvimento do sentido de cooperação e de diálogo. (MANZINI, 2006, p. 4).

A autonomia, quando trabalhada na educação infantil, consegue desenvolver um papel importante na vida da criança, pois ela não irá usar essa autonomia não só na sala de aula, mas também fora do ambiente escolar, levando para toda sua vida as habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas.

### **2.3 Experiências docentes que contribuem para desenvolvimento da autonomia da criança**

O docente precisa desenvolver estratégias para trabalhar a indagação, a criatividade e a curiosidade da criança, para essa compreender o que foi ensinado. Dessa forma a professora precisa ter ciência da sua importância como educadora na vida das crianças, que precisam aprender a desenvolver a autonomia, inclusive em relação à própria aprendizagem. De acordo com Paulo Freire (1996, p. 47), todo educador precisa “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção.”

Nesse sentido, a professora deve desenvolver um trabalho diferenciado do que costumamos conhecer, passando de uma aprendizagem mecânica, na qual o aluno aprende através de repetições, para uma aprendizagem mais construtivista, que requer tempo e comprometimento com a educação em sentido amplo, e saber da importância que irá ter na vida de cada criança. Enfim, o educador precisa ter como objetivo trabalhar e conduzir a criança no desenvolvimento da sua autonomia, respeitando seu tempo e suas limitações, e ter um olhar atento aos passos e à caminhada da criança no processo de desenvolvimento da autonomia, para que não seja frustrante e nem perturbadora as tomadas de decisões no processo da aprendizagem.

Para Jean Piaget, segundo Celso Antunes (2008, p. 17), o construtivismo é:

[...] é uma reflexão educacional apoiada no princípio de que o conhecimento que conquistamos não é algo que vem de fora, passado de uma pessoa para outra ou adquirido por meio de uma leitura, mas, sim, algo que é estimulado a partir de experiências, quando delas o estudante participa ativamente, buscando de fato conhecê-las e, assim, experimentando-as, pesquisando e refletindo sobre tudo que foi falado.

O professor que não propõem a liberdade de pensar e expor sua experiência formadora passa a ser autoritário. Esse tipo de mestre acredita que somente o professor possui certa coerência, não permite ao aluno a desenvolver sua autonomia. O docente precisa respeitar o

aluno, ter bom senso no exercício da prática educativa, a fim de trabalhar ou aprimorar os estímulos para uma nova aprendizagem. O professor precisa ter responsabilidade, comprometimento, e a certeza de que os alunos terão uma aprendizagem singular, pois o aluno não aprender simplesmente através do ouvir, mas receber estímulos e experiências, pois ele consegue aprender pelo que já sabe e compara com que já aprendeu, construindo novos saberes.

Nesse ponto, fala-se da importância de um professor crítico, que ensina a autonomia para o aluno aprender, de modo que esse se torne um pesquisador de novos conhecimentos, passando a se tornar concreto, e então o aluno passa a indagar, buscar e reformular. Sobre esse fazer pedagógico, sabe-se que “Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente”. (FREIRE, 1996, p. 69).

A atuação da aprendizagem no exercício da autonomia na educação infantil, onde o papel do professor é transmitir conhecimento, permite que a criança trabalhe a capacidade de pensar e encontrar suas respostas, pois, muitas vezes, à criança não são permitidos o estímulo e a autonomia, devido à falta de qualificação e de saberes multidisciplinares do educador.

O professor e o aluno precisam possuir respeito mútuo na arte de transmitir alegria e de construir e desconstruir ideias em uma troca de novos conhecimentos, os quais os levarão a uma nova aprendizagem, a fim de avançar nas descobertas. Daí a importância de a sala de aula ser permeada de entusiasmo, motivação e diversão nas atividades propostas no dia a dia. Então, o docente precisa ser aberto a novas aprendizagens, estratégias, metodologias e didática, para que possa estimular a criança a pensar, indagar, para desenvolver a criatividade e chamar atenção dela para encontrar suas próprias respostas e formar um novo indivíduo crítico e participativo.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que, com professor e alunos juntos, nós podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e, juntos, igualmente, resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 1996, p. 72).

O professor precisa saber transmitir seus conteúdos de maneira clara e lúdica, a fim de que a criança possa construir caminhos para sua aprendizagem, pois o educador é responsável por formar e educar novos pensantes, sem que o aluno seja um mero receptor de conhecimento. O professor tem como responsabilidade reforçar a capacidade crítica do educando, despertando curiosidade, construindo o sujeito para que esse reconstrua seus saberes. Sujeito esse que precisa compreender que ele se situa além de ser um receptor de conhecimento, não se baseia

simplesmente em ensinar, mas em ter a certeza de que foi dada a autonomia, não apenas para o indivíduo encontrar suas respostas, mas fazendo com que ele entenda o certo e o errado diante de suas escolhas.

É bom ressaltar que, para uma aprendizagem significativa, os conteúdos da disciplina que o professor trabalha são peças importantes e essenciais para promover experiências e desafios. Ele precisa estar sempre procurando meios e estratégias para desenvolver um trabalho voltado a estímulos que propõem desafios, inquietação, tudo com um bom planejamento de aula, voltada para a observação do professor, que deve conhecer melhor cada criança e suas dificuldades e limitações, preparando estratégias que possam promover desafios e descobertas.

Na verdade, o desenvolvimento tanto da autonomia quanto da criatividade nas crianças são pressupostos desejáveis de uma educação de qualidade. Entretanto, para que se consiga atingir tal objetivo é preciso que os professores mudem sua visão de educação. (MANZINI, 2006, p.13).

Para Vygotsky, a aprendizagem varia, entretanto, depende do desenvolvimento proximal do educando, e o professor percebe que nem sempre a criança possui capacidade de solucionar seus problemas, precisando de auxílio de um adulto. Nenhuma criança nasce sabendo, na verdade ela constrói uma aprendizagem através da interação com o meio, onde há influência mútua entre aluno e professor, o que promove a autonomia para a aprendizagem, que é proposta através do desequilíbrio e dos desafios, os quais permitem ao aluno elaborar pensamentos modificados e mais complexos.

Pode-se dizer que a educadora, ao compreender o nível de desenvolvimento real da criança, permite um desempenho de tarefas que conduza ou que instrua a criança a alcançar os objetivos traçados no processo de aprendizagem.

A partir do seu desenvolvimento real, a criança passa por constantes transformações, permitindo que aquilo que ela não poderia fazer sem o auxílio de um adulto, passe a desenvolver suas atividades sozinhas. Ela passa a ter uma autonomia, a fim de desenvolver sozinha suas limitações.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que madurações, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções são chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento ao invés de frutos do desenvolvimento. (VYGOTSKY apud SANTOS; ALCÂNTARA, 2014, n.p.).

É importante ressaltar a importância da imaginação no desenvolvimento do indivíduo e, também, a ação do educador para proporcionar ou criar ambiente agradável para estimular o cognitivo e o social da criança nos caminhos da aprendizagem. Quando exploradas a criatividade e a criticidade, forma-se um ser indagador e curioso, não simplesmente um aluno que aceite ou concorde com o professor, mas que tenha suas opiniões sobre o que pensa e o que deseja. Isso não significa ser uma criança omissa em relação a compreender seus erros, ao contrário, através dos próprios erros, ela compreende e busca soluções, respeitando as opiniões do próximo.

Quando o professor proporciona esse momento de capacidade de buscar sua autonomia embasada junto aos conteúdos, ele passa a intervir na interdisciplinaridade, não apenas há uma aprendizagem conteudista.

O professor precisa, portanto, ficar atento à utilização de uma aprendizagem “passiva”. Quando um aluno apenas permanece sentado, e não interage de forma ativa em sala de aula, ele não desenvolve habilidades e ferramentas fundamentais, tais como a observação e a elaboração de hipóteses.

Se considerarmos que a criação consiste, em seu verdadeiro sentido psicológico, em fazer algo novo, é fácil chegar à conclusão que todos podemos criar em grau maior ou menor e que a criação é companheira normal e permanente do desenvolvimento infantil. (VYGOTSKY apud MANZINI, 2006, p.12).

Na educação infantil, é preciso um trabalho do desenvolvimento da autonomia, mas não se pode esquecer da necessidade de uma aprendizagem lúdica e imaginária, na qual o brinquedo também proporciona uma zona de desenvolvimento proximal. Aqui Vygotsky relata a importância do faz de conta, momento em que a criança desenvolve a criatividade, inclusive muitas vezes a criança relata características vivenciadas no seu cotidiano.

Dessa forma, é importante a professora se propor, em sala de aula, a brincar e, a partir desse momento, fazer com que a criança pressuponha suas ideias e autonomia, permitindo o aluno interagir, ajudar, fazendo-o compreender a importância de estar auxiliando a professora nas atividades simples, como guardar seus materiais na mochila, guardar os brinquedos, ou até mesmo solucionar problemas de conflito, preparando-o para que se possa obter resiliência.

Enquanto ensino, continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constando, intervenho; intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer

o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 29).

Essencial que aluno se sinta familiarizado em sala de aula, jamais pode ocorrer uma aula através do improviso. As atividades propostas em sala precisam ser organizadas, para que consigam reorganizar a didática dos conteúdos e as rotinas diárias, como o silêncio nas explicações dos conteúdos, como colocar o lixo no lixo e até em se posicionar diante das dúvidas que possivelmente surjam.

O aluno precisa estar preparado para uso da autonomia, precisa utilizá-la de forma correta, ter a compreensão da importância do uso dessa liberdade, respeitar as rotinas do uso e suas importâncias, tornando-se independente. Nesse caso, a professora é a mediadora desse processo de desenvolvimento, não sendo visto como proprietária do conhecimento. Que ela possa distinguir que nem todos sabem tudo e não imponha ao aluno a sua opção, mas desperte suas próprias autenticidades. “O aluno necessita descobrir que seu professor não é figura distante, de alcance limitado e que inspira medo, mas amigo experiente que com ele trilha os caminhos sugeridos pelo desafio que construiu.” (ANTUNES, 2008, p. 43).

Ao desenvolver atividade com as crianças, a professora deve registrar o desenvolvimento traçado no trabalho em sala de aula. Ao observar a identidade e a autonomia, é preciso organizar atividades voltadas para cada área do conhecimento, vendo quais eixos precisam ser estimulados, trabalhando a autoconfiança e o bom comportamento individual.

Para o desenvolvimento de atividades que promovam a autonomia, é necessário que a professora tenha total assistência da escola. Assistência essa que falha porque, por vezes, a escola acaba se preocupando em transmitir conteúdo, não traz inovação, e isso dificulta a professora desenvolver um trabalho diferenciado, para que ela possa trabalhar a autonomia.

Por isso a importância de uma professora ser altamente qualificada, sempre estar buscando conhecimentos e inovações, mesmo que a instituição não colabore muito, mas a educadora deve fazer das dificuldades sua motivação.

A escola não pode abrir mão de oferecer formação para suas professoras, pois as mesmas precisam sempre estar atualizando seus conhecimentos, participando de palestras, as quais motivem as professoras para ministrar seus conteúdos de forma lúdica, desenvolvendo a autonomia.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nós damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática é eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou

dela fazem os alunos. E pior talvez o juízo é o que se expressa na “falta” de juízo. O pior juízo é que considera o professor uma ausência na sala. (FREIRE, 1996, p. 65).

Para a professora, seu papel fundamental sempre será estar em busca de conhecimentos e aprendizagens para melhor entender o mundo da criança e saber passar confiança e, junto a ela, adquirir a autonomia já na educação infantil. O aluno precisará da confiança da educadora, pois ela será exemplo para o aluno.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Foi realizada uma pesquisa que possa ajudar a compreender a importância da autonomia da criança, e foram observados trabalhos voltados à prática do docente na formação do indivíduo. Sendo assim, esta pesquisa se caracteriza por ser de natureza qualitativa exploratória e descritiva, pois busca conhecer atitudes e práticas que determinem uma ação no trabalho voltado à autonomia do discente, visando uma aproximação do pesquisador com o objeto de estudo.

De acordo Gil, as pesquisas exploratórias

[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p. 46).

Inicialmente, a pesquisa se desenvolveu a partir de análises bibliográficas embasadas em livros e artigos científicos, pois esses estudos são indispensáveis nas pesquisas bibliográficas. O levantamento bibliográfico, juntamente com entrevista e observação, proporcionou-nos a análise de informações e coleta de dados referente à prática docente dos entrevistados nessa pesquisa.

Segundo Gil (2008, p. 69), a pesquisa bibliográfica

[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Partes dos estudos exploratórios podem ser definidas como pesquisas bibliográficas,

assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

### **3.2 Local da pesquisa e participantes**

O lócus da pesquisa foi uma escola localizada em Fortaleza, no Colégio Dom Quintino, localizado na Rua Cecil Salgado nº 50, Bairro Jardim Guanabara. Essa escola já existe há mais de 40 anos. Esse estabelecimento desenvolve um trabalho sócio-construtivista, pois a escola acredita que o professor é um mediador na construção do conhecimento através do ensino e da aprendizagem, com interação e relação entre professor e aluno, com base em um ensino não mecanizado, mas respeitando a construção do saber. Sua filosofia assume dimensões religiosas, políticas e sociais que abordam a contribuição na formação de indivíduos críticos, criativos e autônomos, capazes de agir no seu meio e transformá-lo. A escola oferece da Educação Infantil ao Ensino Médio, com uma infraestrutura voltada para um dinamismo que proporciona diversidade nas práticas educacionais.

Ao conhecer as práticas pedagógicas da instituição, foi observado que a didática é trabalhada numa abordagem construtivista, permitindo uma maior autonomia no desenvolvimento cognitivo da criança, e serão investigadas as práticas pedagógicas de professores de turmas do Infantil III.

Em virtude do objetivo da pesquisa, duas professoras dos anos iniciais no Infantil III foram entrevistadas e observadas, com finalidade de conhecer sua prática docente e os meios elas utilizam para desenvolver um trabalho da autonomia na educação infantil, e quais as suas formações na área pedagógica.

### **3.3 Coleta e análise de dados**

O levantamento de dados inclui entrevistas e observações, com o objetivo de analisar as informações colhidas e a atuação das práticas das participantes. As participantes do estudo realizado foram professoras em pleno exercício da sua prática docente. Através da observação, pudemos entender a visão de cada professora em relação ao trabalho da autonomia, sendo de extrema importância a observação espontânea, para complementar o objetivo de estudo. Utilizamos, ainda, a técnica da entrevista, pois essa

[...] possibilita a obtenção, a definição de problemas de pesquisa e oferece uma construção de hipóteses do problema, facilitando a resposta dos dados em estudo. O pesquisador fica frente ao investigado e lhe formula perguntas, com

o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p.128).

### **3.4 Aspectos éticos**

A pesquisa respeitou os parâmetros e diretrizes determinados pelos aspectos éticos. Os sujeitos do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual são explicados os objetivos de estudo, além de deixar clara a participação voluntária e não remunerada, e a preservação da identidade dos mesmos. Foi solicitado ao responsável técnico da instituição onde o estudo ocorreu a assinatura do Termo de Anuência Institucional, contendo a autorização expressa do mesmo para a realização da pesquisa.

As entrevistas com os sujeitos da pesquisa (professoras) ocorreram na própria instituição de trabalho. As entrevistadas puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As informações foram analisadas buscando-se os conceitos de autonomia da criança na educação infantil, colocando como dado importante o papel da professora em transmitir essa autonomia. Partindo desse pressuposto, foi realizada uma observação sobre como a professora desenvolve esse papel na formação do indivíduo na sociedade, indivíduos esses que terão construídas habilidades e formação de caráter, possibilitando a construção da sua criticidade.

A proposta da escola é a formação integral do aluno, desenvolvendo suas potencialidades intelectuais, afetivas e motoras. Já a proposta da educação infantil está pautada em três vertentes, são elas: o compromisso com o aprender (O aluno tem a responsabilidade de aplicar seu conhecimento na vida social); o aprendizado da autonomia (A autonomia aprende-se no convívio); e a importância do afeto e da emoção (Um ambiente de trabalho alegre, cooperativo e amistoso). Dessa forma, a professora tem como objetivo trabalhar com seus alunos uma forma que possam desenvolver essa autonomia.

Foram observadas salas do Infantil III, que possuem em média 22 alunos em cada. Nota-se um ambiente agradável (lúdico, com brinquedos pedagógicos e trabalhos de exposições feitos pelos alunos). Quanto ao papel das professoras, elas trabalham no mesmo intuito exigido pela escola, a fim de desenvolver no aluno a autonomia, utilizando diversos métodos, tais como:

retirar e guardar suas atividades na mochila, pegar e guardar os copos de água na lancheira. Não é feita fila na locomoção das crianças para as atividades fora de sala, a fim de que aluno possa compreender e respeitar as regras de convivência da escola e da sala de aula.

Em sua sala, a professora “A” trabalha com seus alunos de forma lúdica (apresentando o objetivo de conhecimento com dinâmicas, com a participação das crianças estabelecerem a sua aprendizagem, permitindo o aluno a passar pela construção desse conhecimento) a fim de desenvolver uma aprendizagem significativa, mas sem deixar de lado o trabalho da autonomia. Ela permite ao aluno ser o protagonista da sua própria história, auxiliando-o a arquitetar sua criticidade. O interessante é como a professora, nos momentos em que são propostas as atividades em sala, consegue tirar proveito dessa construção da autonomia, percebendo que a criança passa por caminhos que levam a construir sua capacidade de raciocínio, envolvendo também o aspecto socioafetivo dessa criança, pois, a partir das dificuldades enfrentadas no decorrer da aula, há formação de ideias e de respostas, até que se chegue aos resultados, enfrentando as frustrações e desenvolvendo a resiliência.

O professor favorece a autonomia de seu aluno, e o trabalho em grupo estimula o confronto de ideias que favorece tanto os alunos mais adiantados quanto os menos adiantados. Como verdadeiro estimulador da aprendizagem, propõe desafios, interrogar, debate, arquiteta problemas é estimula seus alunos a pesquisar e a descobrir. (ANTUNES, 2008, p. 27).

Na sala da professora “B”, o trabalho com as crianças é de forma mais tradicional, pois são colocados os objetivos das atividades, e seus alunos não têm participação nessa construção. As crianças são mais agitadas por não ter algo que chame a sua atenção, e isso as leva a não se tornarem participantes dessas atividades. Quando solicitadas a realizar uma atividade lúdica, esperam os comandos da professora, tornando-se crianças sem autonomia para deixar transparecer suas ideias e/ou desejos. Percebemos que há a aprendizagem, mas são perceptíveis as dificuldades encontradas em sala, tais como: defasagem na oralidade, na coordenação motora, no cognitivo e no emocional, tornando os alunos mais infantilizados.

Esse educador deve sempre levar em conta a certeza de que o saber que se busca produzir nos alunos não é ensinado, não chega de fora para dentro e, portanto, não é transmitido automaticamente de uma pessoa para outra, ou seja, o aluno não assimilará o conteúdo dado pelo professor somente ouvindo-o em silêncio. (ANTUNES, 2008, p. 24).

É perceptível que as crianças reagem a essa autonomia dada pelo professor de forma positiva, que elas se sentem mais adultas e capazes de realizar determinadas atribuições. Não só levam para si essa aprendizagem, mas para o seu cotidiano, e claro que toda criança possui o seu tempo de maturação, e que cada uma passa por uma fase de maturidade, mas, mesmo respeitando esse tempo, elas precisam ser estimuladas a desenvolver habilidades corporais e cognitivas. Segundo Antunes (2008, p. 43), “o trabalho em grupo, se bem orientado e proposto por meio de estratégias envolventes, constitui “ferramenta” essencial para a aprendizagem, pois o aluno que aprende junto com seu grupo social assimila com linguagem própria e expressa seus saberes com conhecimento particularizado”.

Essa particularidade que a criança apresenta na fala acima é vista em sala de aula nas observações, como amadurecimento e demonstrações como todo desde a fala, até as expressões corporais, construir, narrar e interpretar situações quando é questionado. É perceptível a diferença de uma criança quando há estímulos da autonomia, para aquelas que são apenas introduzidas em sala de aula.

Os recursos que a professora usa para trabalhar a autonomia da criança são a sala de teatro/motricidade, sala para cozinha experimental, para onde as professoras conduzem as crianças a uma aula expositiva e criativa, jogos educativos e dinâmicos. Tendo em vista que por mais que a escola dê acessibilidade ao uso desse material, nem sempre ele é usado corretamente, visto que, devido à correria diária, muitas professoras, ao administrarem suas aulas, deixam despercebido o uso de cada um daqueles materiais lúdicos que desenvolva essa autonomia.

Na entrevista com a professora “A”, que possui formação em Pedagogia e leciona há 8 anos na área da Educação Infantil, ela diz por que escolheu a área da educação infantil. Ela mesma fala da oportunidade de ser a base das crianças, aliás, diz ela, “acredito ser a parte da vida da criança mais importante e também pela ludicidade”. A entrevistada “B” também tem formação em Pedagogia e pós-graduação em Educação Infantil, leciona há 26 anos e escolheu essa área por se identificar com as crianças.

A seguir, elencamos as perguntas e respostas, bem como considerações sobre os dados coletados.

1 – “Para você, como educadora, o que significa autonomia da criança no trabalho em sala de aula?”

Professora “A”: Autonomia é que permite que as crianças sejam o sujeito ativo da ação, é elas fazerem por si só pequenas coisas e descobrirem que são capazes disso. A criança ainda está em desenvolvimento e adquirir autonomia neste momento é primordial.

Professora “B”: É você dominar, com propriedade, seu trabalho. (Segurança no que faz).

As entrevistadas possuem opiniões diferentes quando se referem à autonomia da criança. Comparando essas ideias, entende-se a dificuldade de cada uma contribuir para a formação referente a cada criança. Uma delas vê apenas como autonomia de seu trabalho em sala de aula, e não em ser mediadora da autonomia para a criança. Já a outra professora tem uma maneira própria de formular e desenvolver essa autonomia. De acordo com Freire (1996, p. 47), “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensina e não a de transferir conhecimento”.

## 2 – “Como construir essa autonomia na Educação Infantil?”

Professora “A”: Através de tarefas simples, como organizar os brinquedos, a mochila, guardar os lápis quando terminar, trabalhar nas crianças o pedir para ir ao banheiro e beber água, para que elas não achem que o professor é quem faz tudo por elas.

Professora “B”: Praticando...

Segundo Antunes (2008, p. 56),

O professor favorece a autonomia de seu aluno, e o trabalho em grupo estimula o confronto de ideias que favorece tanto os alunos mais adiantados quanto os menos adiantados. Como verdadeiro estimulador da aprendizagem, propõe desafios, interroga debate, arquiteta problemas e estimula seus alunos a pesquisar e a descobrir.

Conforme se observa acima, há opiniões diferentes quando se refere à autonomia da criança, de certa forma possui a falta de informação ou formação sobre a importância desse trabalho, enquanto a professora “B” acredita que é apenas praticando a autonomia “dela mesma” como professora, é visto que essa autonomia não é praticada, no que foi analisada a forma de seu trabalho é mais tradicional (onde o conhecimento e informações são transpassados pelo professor de forma sistemática, através de teoria e memorização, com conteúdos expositivos em sala de aula) com os seus alunos, assim não desenvolve uma aprendizagem que proporcione ao um indivíduo um ser crítico e pensante. A professora “A” já atribui uma ideia de um professor mediador e construtor dessa aprendizagem, ampliando as habilidades de conhecimento.

3 – “Você professor encontra dificuldades para exercer um trabalho significativo na formação da criança?”

Professora “A”: O maior trabalho encontrado é a falta de continuidade dos pais, muitas vezes o que é trabalhado na escola não é continuado em casa, e sabemos que a crianças passa mais tempo em casa e muitas vezes elas chegam à escola sem saber levantar nem a mão para pedir algo.

Professora “B”: Atualmente sim, pois estamos recebendo crianças com algumas peculiaridades com crianças que possuem alguns TDAH (Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), TEA (Autistas), TOD (Transtorno Opositivo Desafiador).

Conforme Antunes (2008, p. 43), “o aluno necessita descobrir que seu professor não é uma figura distante, de alcance limitado que expira medo, mas amigo experiente que com ele trilha os caminhos sugeridos pelo desafio que construiu”.

Analisando as respostas das professoras, percebe-se que elas possuem opiniões controversas sobre as dificuldades de cada professor, no entanto não possuem regras para desenvolver a autonomia e nem caminhos que possam ser enfrentados diante de suas dificuldades. Vygotsky refere-se a essa aprendizagem como uma construção de afetividade, que se relaciona entre espaço e recursos a serem formados entre o mediador e o mediado. No entanto, independente do que se enfrenta em sala de aula, é preciso a professora compreender o seu papel como educadora na formação dessas crianças.

4 – “Em sua opinião, qual o papel da instituição para proporcionar ao professor, meios que desenvolva um trabalho diferenciado na Educação Infantil?”

Professora “A”: Possibilitar espaços lúdicos, projetos que facilitem a autonomia em sala, trabalhar junto aos pais para ter sucesso no que faz. Uma escola que traz os pais para mais perto e os incentiva.

Professora “B”: Colocar, além de uma auxiliar, ter (*sic*) uma segunda pessoa para ajudar no desenvolvimento dessas crianças.

No entender de Maria Montessori, citada por Antunes (2008, p. 66), quando se fala sobre atribuir autonomia em sala de aula, é possível compreender que

[...] uma sala de aula, sobretudo para as séries iniciais, não dispensa plena organização. Uma sala adequada tem lugar certo para o material de limpeza e

para os brinquedos, espaço para jogos, recipientes plásticos com material de pintura, uma estante onde se acomodam livros de histórias e livros didáticos, além de alguns instrumentos musicais.

O papel da escola, se quer contribuir com a autonomia, é proporcionar um ambiente adequado e favorável para construção do desenvolvimento da criança, e possibilitar à professora recursos para trabalhos com gestos e movimentos, que atribua através da ludicidade para uma aprendizagem significativa, assim a criança aprende a desenvolver não somente o cognitivo, mas também ações que formam o caráter e as opiniões.

Além disso, ela aprende a superar suas frustrações, a partir daí levará para a vida não escolar apenas, mas para seu dia a dia, ao enfrentar seus medos, encontrar suas respostas e tomar suas decisões.

5- “Você considera que suas práticas contribuem para desenvolvimento da autonomia do aluno?”

Professora “A”: Sim, pois acredito que nos professores tem um papel fundamental na construção da autonomia dessas crianças e forma seres pensantes.

Professora “B”: Sim, e muito, pois não tem como a prática!

A fala das professoras está de acordo com que preconiza Antunes:

O professor apresenta explicações, firma conceitos, propõe linha de pensamento, mas suas aulas se alternam com projetos, pesquisas, desafios e com alunos trabalhando e aprendendo em grupos. Sabe que cérebros diferentes aprendem de maneiras diferentes e por essa razão estimula o uso de diferentes linguagens e exalta a busca de solução, respeitando estilos de aprendizagem variados. (ANTUNES, 2008, p. 28).

Na observação, é visível que ambas as professoras concordam em trabalhar com a autonomia da criança e reconhecem a sua importância, mas, nas observações em sala, constatamos que nem sempre é dessa forma, por elas não desejarem aplicar ou por causa da desinformação sobre como desenvolver a autonomia.

Sabe-se que, quando se fala de trabalhos que estimulem as crianças a serem autônomas, é importante a professora incentivar, estimular, errar, enfim, permitir também a autonomia emocional, pois disponibiliza foco e afetividade.

A professora deve agir como uma intermediária de saberes que elaborarem atividades, como projetos, aulas diversificadas, roda de conversa para que tudo isso chame a atenção da criança e proponha uma autovalorização sobre sua capacidade de interagir ao meio.

## 5 CONCLUSÃO

Diante do exposto e durante a realização do presente trabalho, podemos constatar o quão válidas foram e ainda são as contribuições de Piaget, Antunes e Freire em termos de metodologias e teorias que ajudam a compreender o trabalho do professor para esse desenvolver a autonomia da criança na educação infantil.

Podemos verificar que, para o desenvolvimento da autonomia na criança, é fundamental que a professora possa compreender o seu papel, não somente sendo uma transmissora de conhecimento, mas como peça fundamental na vida da criança. A docente precisa buscar conhecimentos e aprendizados que possam trabalhar a autonomia. A professora precisa ter ciência de sua importância em colocar em prática a autonomia, passando a ser uma mediadora na vida de cada criança, podendo auxiliar na construção de ideias e decisões, desenvolvendo nela a capacidade de formar indivíduos pensantes e capazes de ser autônomos.

Concluimos que a autonomia vai depender da ação da professora. Vemos que muitas escolas até sabem do valor e da importância de ser trabalhada a autonomia, porém, na correria do dia a dia, a professora muitas vezes não percebe da importância da construção da autonomia na criança. Muitas vezes a professora não quer ter trabalho e não busca diferencial para melhorar o aprendizado e desenvolver a aprendizagem de uma autonomia de qualidade.

Esperamos que esse artigo possa ajudar a professora, em sala de aula, a trabalhar de forma correta a autonomia e compreender a importância dela na formação da criança, pois, mesmo com as dificuldades enfrentadas no cotidiano, é necessário tentar conciliar e buscar formas de conhecimento que possam ajudar a desenvolver a autonomia.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ANTUNES, C. **Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e Maria Montessori em minha sala de aula**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

ARCE, A. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. **Revista Brasileira de Educação**. n. 20, maio/ago., 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. vol. 1- Introdução. 3. ed. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAMII, C. **A autonomia como finalidade da educação: implicações da teoria de Piaget**. In: A criança e o número. Campinas, SP: Papirus, 1986.

KENDZIERSKI, M. **Friedrich Froebel e os jardins-de-infância**. 2012. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iiv2n1/104.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

KOHL, M. **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento. São Paulo: Scipione, 1993.

MANZINI, A. L. **O desenvolvimento da criticidade e da autonomia na escola**: o que nos dizem. 515pág. Dissertação – Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2006.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. Porto, Portugal: Rés Editora, 1978.

SANTOS, M. R.; ALCÂNTARA, J. **Autonomia e a Educação Infantil**. 2014. 20f. (Monografia) Pós-graduação, Psicopedagogia.

**Recebido em:** 05/09/2020

**Aprovado em:** 21/12/2020